

MULHERES PRODUTORAS E COLABORADORAS NA IMPrensa DO PIAUÍ (1864 – 1940)

Ana Narua Bezerra do Nascimento¹

Francis Musa Boakari²

RESUMO

Nas últimas décadas, as pesquisas em história da educação têm tido um considerável alargamento temático, o que tem suscitado a constituição de novos objetos e a (re) configuração de novos temas articulados na interlocução entre os historiadores da educação e a produção historiográfica contemporânea. Dentre os novos objetos de estudos dos historiadores da educação, estão os impressos – jornais, revistas e os periódicos que passaram a se constituírem em fonte documental privilegiada de se apreender os modos de funcionamento que envolvem a sociedade e a cultura. Este ensaio tem a pretensão de desenvolver um estudo sobre as mulheres produtoras e colaboradoras na imprensa do Piauí no período que se estende de 1864 a 1940. O corte cronológico se inicia com a participação das mulheres com a publicação inaugural do jornal Violeta de 1864, intensificando-se nas primeiras décadas da república, entrando em declínio nos anos 20, indo ter seu desfecho no Estado Getulista. O estudo foi conduzido em pesquisa das fontes primárias para identificação e classificação dos impressos disponíveis, na seguinte ordem: período da edição/ciclo de vida; título da publicação; redatora/colaboradora; conteúdo geral e específico articulados; as fontes secundárias, no caso, nos estudos da história da imprensa no Brasil e no Piauí. Ao enveredar nesta nova temática histórica, mulher e imprensa, permitiram a realização de um mergulho no passado, pois, contribuiu para o melhor entendimento de como se pode apropriar da memória cultivada coletivamente, bem

Recebido em: Maio/2010 - Aceito em: Julho/2010

1 Professora da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: hanabela2005@hotmail.com

2 Professor da Universidade Federal do Piauí. E-mail: musabuakei@yahoo.com.br

como identificar que nas páginas impressas, que as mulheres também escreveram, divulgaram produtos, debateram problemas, ditaram normas, costumes e valores, se colocando assim para além dos limites do lar, ingressando na imprensa.

Palavras-Chave: Mulher. Imprensa. História. Memória. Educação..

WOMEN PRODUCING AND COLLABORATING IN THE PRESS IN PIAUI (1864 – 1940)

ABSTRACT

In the last few decades, the considerable expansion of themes in educational history research has led to the construction of new objects of study and the reconfiguration of interests of study that articulate the results of interplays between education historians and what contemporary historiography produces. Among these new objects and themes of study is the press (journals, magazines and periodicals), that has gradually become an important source for understanding the systems that make society and culture work. In this regard, this text is an attempt to discuss the participation of women as producers and collaborators of the press in Piauí from 1864-1940. The period under discussion begins with the initial publication of the *Violeta* in 1864; a journal produced through the active participation of women. Their participation which intensified in the early part of the Republican era, faced a crisis in the 20's, and finally culminated during the Getúlio Vargas period. Available written materials including primary and secondary data, regarding historical studies of the press in Brazil and Piauí, were used to identify and classify relevant information under the following headings: initial year of publication, title, writer/collaborator, mixed (general) and specific contents, print format and life cycle/periodicity. Based upon this study about women and the press, it was possible to adequately investigate how the past can contribute to better understanding of how we can utilize collectively cultivated memory more properly. This research has given access to evidence in the pages of press material, indicating that women also wrote, announced products, debated

about issues, set standards, validated customs and defined values. By actively working in the press, women played roles outside the home.

Key-words: Women. The press. History. Memory. Educacion.

Introdução

Nas últimas décadas, as pesquisas em educação, têm tido um considerável alargamento temático o que tem suscitado a constituição de novos objetos (LE GOFF, 2005) com a (re) configuração de antigos temas, articulados na interlocução entre os historiadores da educação e a produção historiográfica contemporânea. Dentre os novos objetos incluídos nos trabalhos dos historiadores da educação, estão os impressos – jornais, revistas e os periódicos (GENRO FILHO, 1987; ROCHA, 2005) de temática educacional ou próxima a ela que, passaram a se constituir em fonte privilegiada de se apreender os modos de funcionamento, não só do campo educacional, bem como, de outras configurações que envolvem a sociedade e a cultura. Dentre essas novas configurações, estão as mulheres.

Perrot (1998) relata as dificuldades de propor um campo de pesquisa específico sobre as mulheres na história, e de como foi difícil organizar o primeiro curso sobre esse tema em 1973. Mas, foi nesta oportunidade que a autora descobriu que não havia história das mulheres, porque não se pesquisava sobre o assunto. Considerando essas questões, este ensaio tem a pretensão de desenvolver um estudo sobre as mulheres produtoras e colaboradoras na imprensa do Piauí no período que se estende de 1864 a 1940.

Para isso, lançar-se-á um olhar sobre a imprensa como uma fonte histórica, um documento que no período de estudo, divulgava, informava, debatia e elaborava questões sobre a sociedade, a educação, a política e a cultural. Para Saviani (2004), as fontes históricas não são as fontes da história, ou seja, não são delas que brotam e fluem a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos são as fontes do nosso

conhecimento histórico, isto é, são delas que brotam, e nelas que se apóiam o conhecimento que produzimos a respeito da história. Como alerta De Decca (2000), os documentos, como alguns já disseram, não falam por si, as (os) historiadores (as) obrigam que eles falem, inclusive a respeito dos próprios silêncios.

Com base nessas considerações pergunta-se: como as mulheres produziam e colaboravam em jornais, revistas e periódicos no Piauí, para assim, divulgarem sobre quem eram, o que se diziam sobre elas, também, o que elas pensavam e o que diziam delas mesmas sobre as mais variadas questões de sua época.

Para responder a essas questões, escolheu-se os impressos como documento histórico, ou seja, como material de fundamentação da pesquisa, como fonte que produziu os testemunhos construídos pelas mulheres, na dinâmica do contexto histórico.

Estudar as mulheres como produtoras e colaboradoras na imprensa do Piauí, de 1864 a 1940, significa reunir no âmbito dos estudos históricos educacionais, o crescente interesse pelas pesquisas do mundo feminino, tal como ele se revela fragmentariamente no registro histórico e/ou literário do passado. Tais pesquisas vêm se multiplicando, empenhadas, principalmente em descobrir quem eram essas mulheres, o que se dizia sobre elas, mas também o que elas pensavam e o que elas diziam delas próprias, como elas participavam, às vezes, resistindo ou se conformando sobre o que a sociedade falava ou lhes exigia.

Participação é uma das palavras mais utilizadas no vocabulário político, popular e científico. Assim, pode haver diversos sentidos atribuídos a esse conceito. Dependendo da época e da conjuntura histórica, o conceito de participação aparece associado a outros termos como democracia, representação, organização, conscientização, cidadania, colaboração e relação dialógica. Para este estudo, a participação das mulheres envolve suas contribuições no desenvolvimento prático- redação, produção e colaboração de jornais, revistas e periódicos na imprensa do Piauí, meio fundamental de divulgação das questões da época. Para desvelar o tipo de participação na imprensa, estudou-se os

jornais, revistas e periódicos da imprensa no Piauí, com o objetivo de identificar as publicações inaugurais até a derradeiro impresso, que buscavam divulgar conhecimentos considerados importantes para as mulheres na sociedade de sua época (HOBSBAWM, 1998).

Assim, para tratar da temática mulher, escolheu-se registrar, não sua participação como um sujeito que emerge como um movimento feminista, reivindicando seus direitos, enquanto categoria marginalizada e oprimida. Mas, como um sujeito silenciado, excluído da história (PERROT, 1988), que se fez reconhecida como segmento importante da população humana (HOBSBAWM, 1998) que participa da história, elaborando, produzindo e transmitindo conhecimento sócio cultural (MEDITSCH, 2002)

Estudar esse processo de reconhecimento da voz feminina na imprensa do estado provocará um “desilenciamento prático” sobre o papel que as mulheres exerceram na condição de também intelectuais, quando relataram questões de sua realidade, registrando sobre sua ótica as teias da história estadual.

Intelectual é também um conceito político, popular e científico muito utilizado. Para este estudo, optou-se pelo conceito desenvolvido por Queiroz (1994) ao estudar os literatas³ no Piauí. De acordo com a autora, os intelectuais estão divididos em duas categorias: grandes e pequenos intelectuais. No seu estudo, os literatas são intelectuais, pois são portadores de um conjunto de comportamentos esperados e padronizados em relação a cada uma das posições assumidas socialmente. Daí, sua participação na imprensa, nos eventos públicos ou particulares, na produção de suas obras com inserção local e nacional. Eram homens identificados como cultos, modernos, civilizados, poetas, escritores e romancistas. A maioria de famílias tradicionais formados na Faculdade de Direito

³ Para o italiano Antônio Gramsci (1979) todo agente social exerce atividade de natureza intelectual: o professor, o líder religioso, o militante político, o jornalista, o cientista, o técnico da indústria moderna ascendente, mas também, pessoas com pouca ou até nenhuma instrução formal podem ser tratadas como intelectuais, pois segundo o pensador, o intelectual se define pela capacidade de organizar os homens e o mundo em redor de si.

de Recife. Foi uma geração que fundou a Escola Normal Livre (1908), o Arquivo Público Estadual (1909), a Academia Piauiense de Letras (1917) e a maioria dos mais importantes jornais e revistas no período. Nesta condição, monopolizaram também a imprensa, elaborando e debatendo os principais temas da política, cultura, religião, educação, literatura e filosofia. Influenciando, assim, todos os campos da sociedade.

Para Melo (2001), a imprensa é um conhecimento que possibilita ao povo acesso às informações, ou mesmo, apreender e acompanhar o que acontece na sociedade, participando dos acontecimentos, contribuindo no fazer de sua história. Para isso, a apreensão de sua realidade é o primeiro passo. Da mesma forma, de acordo com Forechi (2007), citando Genro Filho (1987), a imprensa estaria

[...] ligada à sua capacidade de produzir e reproduzir conhecimentos acerca do real, tomando-se esse real como algo que não é dado ou existe de forma fixa e inerte. O real surge de um processo de construção mediado por diversas instâncias que se somam, se anulam ou concorrem entre si. Uma dessas instâncias seria o jornalismo. (FORECHI, 2007, p. 03).

Segundo Sodré (1999), a história da imprensa, no Brasil, coincide com a chegada de D. João VI ao Brasil no século XIX. Oficialmente, a imprensa brasileira foi fundada em 13 de maio de 1808, no Rio de Janeiro, com a criação da Imprensa Régia, atualmente a Imprensa Nacional. Entretanto, o jornalista Marco Vilarinho, em material especial sobre “Uma revolução no conhecimento”, publicado no jornal **O Dia** do dia 11 de abril de 2010, (p. 4-5), esclarece que:

A Gazeta do Rio de Janeiro, foi o primeiro jornal publicado em território nacional, começou a circular em 10 de setembro de 1808, impressa em máquinas trazidas da Inglaterra. Órgão oficial do governo português, que se tinha refugiado na colônia americana, evidentemente

o jornal só publicava notícias favoráveis ao governo. Porém, no mesmo ano, pouco antes, o exilado Hipólito José da Costa lançou, de Londres, o *Correio Braziliense*, o primeiro jornal brasileiro – ainda que fora do Brasil. O primeiro número do *Correio Braziliense* é de 1 de junho de 1808, mas só chega ao Rio de Janeiro em outubro, onde tem grande repercussão nas camadas mais esclarecidas, sendo proibido e apreendido pelo governo. (VILARINHO, 2010, p. 5).

Com esse dado a ser considerado, a publicação de jornais e revistas ganhou um franco processo de expansão, publicando ideias que abalavam os alicerces do mundo da política, da sociedade, da cultura e da educação. O governo tentava controlar as publicações, não medindo esforços para prevenir qualquer matéria considerada perigosa demais para a segurança e a ordem pública. Entretanto, a presença da imprensa foi decisiva, pois passou a atingir as bases da sociedade, decidindo as grandes mutações político-econômico-sociais que se aceleravam no século XIX e XX, no Brasil. No rastro da imprensa, estão as alterações das relações entre mulheres e homens, família, igreja, educação, política e trabalho. Nesse contexto, a imprensa tornou-se espaço privilegiado de debates sobre a sociedade, política, educação, cultura, homens, mulheres e crianças.

Para fazer emergir a participação das mulheres identificando-as como intelectuais⁴, retirou-se do silêncio as mulheres que assumiram posições esperadas e padronizadas socialmente, para além do papel de mãe, esposa, e professora.

Estes processos de produção cognitiva, de organização e transmissão dos papéis sociais, têm tudo a ver com a educação (SEVERINO, 2002) porque, aponta para a informação impressa como conhecimento, com características que ajudam os leitores a

4 Para o estudo aqui proposto, não se trata de classificar a participação das mulheres na produção e colaboração de jornais, revistas e periódicos em um ou outro grupo de intelectuais. O objetivo é estabelecer uma relação da sua condição de mulher – em torno do desenvolvimento da imprensa da época

acumularem não somente mais saberes sobre o mundo (BUCO, s.d.), mas também, adquirir conhecimentos que poderiam surgir de outras perspectivas, e não somente dos horizontes masculinos.

Soihet (1997) lembra a relevância da visão das mulheres que possuem identidades diversas e, cuja formação-educação, é a razão de ser social geralmente consideradas diferentes dos homens. Esses, que tradicionalmente tinham a condição de no período, relataram “a História e as histórias”. Nesta trajetória, as mulheres influenciaram, conquistaram a condição de relatar, escrever, esclarecer posições, defender e assumir as suas particularidades como agentes construtoras da história.

Para esta exposição, o corte cronológico a participação das mulheres produtoras e colaboradoras na imprensa do Piauí se inicia com a publicação inaugural do jornal **Violeta**⁵ de 1864, se intensifica nas primeiras décadas da republica, entra em declínio nos anos 20, indo ter seu desfecho no Estado Getulista.

O estudo foi conduzido com a análise das fontes primárias articuladas com as fontes secundárias. A pesquisa das fontes primárias conduziu-se de forma a identificar e classificar os impressos disponíveis na seguinte ordem: condição e tipo de impresso: publicação; período da edição; a quem se destinava; editor (a); público; ideias; ilustração; ciclo de vida, predominância ou recorrências temáticas; redatoras, produtoras e colaboradoras de jornal/revista/periódico.

As fontes secundárias estão representadas nos estudos da história da imprensa no Brasil nos livros de: Sodré (1999); Rocha (2005); Martins e De Luca (2008); e, no Piauí: Bastos, (1994)⁶ Pinheiro Filho (1997) ; Rego (2001)⁷ e Nascimento (2005). A partir desses estudos, foi possível formular uma classificação e uma periodização

5 Conforme levantamento feito as fontes primárias e confrontados com as fontes secundárias, não há registro sobre as redatoras/ colaboradoras.

6 No dicionário de Bastos (1994) encontramos o verbete sobre imprensa; traz dados mais próximos sobre a imprensa no Piauí.

7 O estudo de Pinheiro Filho (1997) sobre a Historia da Imprensa no Piauí, é um material de referência mas que se faz necessário outros estudos e levantamentos dada a natureza desencontrada de dados sobre a imprensa no Piauí.

preliminar das mulheres produtoras e colaboradoras na imprensa do período proposto. Esses pesquisadores orientaram o estudo, pois transformaram os impressos⁸, ainda que escassos, em suporte de análise de um processo de desvendar acervos, desmontar argumentos, recolocando em discussão o tema, mostrando que o jornal tem uma função educativa, já que a imprensa também atuava na sociedade agitando a política, a cultura e conseqüentemente, a própria história social.

A imprensa organizava um conjunto de iniciativas para as mulheres, os estudantes, os trabalhadores, os pequenos comerciantes, os católicos, e no caso do jornal **O Amigo do Povo**, que era distribuído gratuitamente às pessoas pobres que soubessem ler (PINHEIRO FILHO, 1997). Nasceram publicações de orientação anticlerical, socialista, republicana e católica para o povo, visando à formação ideológica, moral e política, sobretudo dos jovens, adultos, mulheres e crianças. Era um amplo circuito de papel impresso que se colocava na vanguarda nos mais diversos setores da vida social, difundindo atitudes e palavras de ordem, operando ativamente no imaginário social, desenvolvendo uma obra educativa, basicamente ideológica, intensa e tenaz (em geral conformista, outras vezes aberta ao dissenso e alternativas, outra de censura)⁹.

8 O jornal, composto basicamente de noticiários, editorial, sessões especializadas e publicidade (detectamos poucos anúncios). Manchetes, títulos, linguagem objetiva, direta. circulação diária ou semanal; A revista, periódico de publicação dedicada mais ao comentário que a notícia, assunto especializado, científica literária e artes. Diferentemente do jornal, possui uma leitura amena, ilustrativa e um público específico. Circulação mensal; Periódico, edição em fascículo; encadeamento numérico e cronológico, aparecendo em intervalos regulares ou irregulares, por um tempo indeterminado, trazendo a colaboração de vários autores, sob a direção de uma ou mais pessoas, mas geralmente de uma entidade responsável, tratando de assuntos diversos, porém dentro de uma temática relativamente definida

9 Segundo Pinheiro Filho (1997) o primeiro jornal empastelado no Piauí foi O Lidado, publicado em Parnaíba no ano de 1893. Seguiram-se Cidade de Theresina e O Apostolo em 1912. Em 1930, o jornal Estado do Piauí, teve sua edição rasgada, apreendida pela polícia, impedindo o jornal de circular. O mesmo voltou em 1931.

Havia jornais pequenos, de periodicidade irregular; viviam de propaganda e da iniciativa de entidades ou de grupos de intelectuais; tinham existência ilegal; traziam impresso o endereço da redação e dos responsáveis; possuíam condições adversas de sobrevivência, uma delas era a falta de liberdade de imprensa que ocasionou, no período, a suspensão ou empastelamento de jornais. Literárias, esportivas, críticas, noticiosas, independentes, políticas, operárias, de associações, das Igrejas, espíritas, de grêmios, de escolas, femininos são algumas das iniciativas estampadas em suas páginas. É nesse cenário de desenvolvimento da imprensa no Piauí, que as mulheres lançaram os alicerces como produtoras e colaboradoras na imprensa do estado à época.

As mulheres na Imprensa

Buitoni (1981) conta que a imprensa feminina, surgiu nos fins do século XVII na Grã-Bretanha e, cerca de cinqüenta anos depois, em 1758, foi publicado na França, o primeiro periódico voltado para este público, o qual se tornou depois o precursor dos almanaques, que continham conselhos de economia doméstica e medicina caseira, fato que influenciou todo o mundo. Na Alemanha e na Itália, este movimento também, deu-se entre 1770 e 1781. Nos Estados Unidos, só se deu no século XIX, com a publicação dos periódicos o *American Magazine* e o *Ladies' Magazine*, este último em 1828. No Brasil, a imprensa feminina segundo Buitoni¹⁰, surge

10 O Segundo a pesquisadora, existiram vários jornais dedicados às mulheres, durante a primeira metade do século XIX, mas todos fundados e dirigidos por homens. Data de 1852, o aparecimento no Rio de Janeiro do primeiro jornal feito por mulheres, que deixou rastros na história: O *Jornal das Senhoras*, fundado e dirigido por Joana Paula Manso de Noronha, editado aos domingos e tinha como subtítulo, modas, literatura, belas artes e crítica. Seu objetivo maior anunciava-se como o projeto de propagar a ilustração e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e emancipação moral da mulher. No Piauí, os jornais “*A Borboleta*” (1888) e o “*O Escrutínio*” de 1911, são exemplos de impressos fundados e dirigidos por homens dedicados às mulheres.

também no século XIX, principalmente após a vinda de D. João VI que, para atender o gosto feminino da época, publicava a temática voltada para a moda européia.

Entretanto, para além da moda, havia também, outro interesse que povoava a mentalidade feminina do século XIX, era a literatura, sob a forma de novelas, poesias e contos. A literatura, em certo sentido, era alvo de interesse comum entre homens e mulheres da inteligência deste tempo. Ainda de forma incipiente, a participação da mulher na produção e colaboração de impressos no Brasil, fosse como consumidora ou produtora, era em geral as voltas com a moda e ensaios de literatura.

No Piauí, depois de exaustivo levantamento das fontes primárias¹¹ que foram testadas com as fontes secundárias, chegou-se a uma periodização e classificação das publicações do período proposto, resumidos em dois quadros sinópticos abaixo.

Conforme o QUADRO 1 – a participação das mulheres se iniciou com a publicação inaugural do jornal **A Violeta**, publicado em Parnaíba em 1864, seguida pela revista *Lírio* de 1898. Em 1882, o jornal **O Telephone**, figura como o periódico que fez a estréia de uma mulher como redatora, a escritora Luísa Amélia de Queiroz Brandão. A partir daí, lançou-se os alicerces das publicações com a participação das mulheres, ou seja, voltadas para um público específico, intensificou-se nas primeiras décadas da república, nos anos de 1920, entrou em franco declínio, indo ter um desfecho dessa participação no Estado Getulista com publicações voltadas agora para alunas e professoras da escola normal e profissionais.

Como retadoras e colaboradoras, disseminaram informações sobre instrução, literatura, ciência, economia, política, mundanismo e temas voltados exclusivamente para as mulheres. Através de seis

¹¹ Foram encontrados e consultados no período de 2008 a 2010 - 19 impressos (jornais, revistas e periódicos) disponíveis no Arquivo Público do Estado. No geral os impressos trazem informações básicas sobre a edição: data, local, editor, redator, epígrafe. Objetivos de sua criação; a quem se destinava (leitor).

jornais, doze revistas e quatro periódicos em diferentes épocas, as mulheres marcaram presença na imprensa do Piauí, conforme o QUADRO 1 e o QUADRO 2.

QUADRO 1

Sinóptico – Publicações de Mulheres no século XIX e XX no Piauí

Ano	Publicação	Redatoras	Conteúdo	Formato/ ciclo de vida
1864	A Violeta.	--	Leituras femininas.	Jornal
1898	Lírio	Amélia de Freitas Beviláqua	Literária	Revista
1904	Borboleta	Helena e Maria Amélia Burlamaqui e Maria Amélia Rubim	Noticioso, literário, crítico.	Jornal semanal
1927	A Normalista	Rosa Cunha; Zilda Santos	Propaganda cultural Instrução, escola.	Periódico da Escola Normal
1927	O Crepúsculo	Maria Matos, Heloísa Costa, Nair Castro;	Noticioso	Jornal do Ateneu do Florianense.
1933	A Escola	Direção das Alunas do 4º da Escola Normal Oficial	Educação. Instrução	Periódico
1936	Educação	Direção das professoras da escola normal	Propaganda educativa.	Revista
1936	A Flâmula	Alaíde da Costa Pereira	Educação	Jornal mensal
1938	Primícias Literárias	Alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus.	Propaganda educativa	Revista bimestral
1939	Luz	Alunas do Colégio das Irmãs	Propaganda Educativa	Periódico
1940	Raios de Luz	Direção das Alunas do Colégio N. S. Das Graças de Parnaíba.	Educação.	Revista trimestral

Fonte: Bastos (1994), Pinheiro Filho (1997), Nascimento (2005).

QUADRO 2

Sinóptico – Publicações com a participação de Mulheres século XIX e XX no Piauí

Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				
Hanabela2005 @ hotmail.com				

Fonte: Bastos (1994), Pinheiro Filho (1997), Nascimento (2005).

Nas publicações da primeira e segunda década da república, predominavam informações de cunho literário (letras) e noticioso; no período getulista, as questões se voltavam para a educação (escola, propaganda educacional e ideários pedagógicos). Esse período coincide com as reformas educacionais e conseqüentemente com os debates que se voltam para a escola nova, para a formação da (o) professor(a) e da (o) aluno (a).

Em meio a esses conteúdos, é comum em todo período, os jornais, as revistas e periódicos a predominância de sessões

que idealizam a mulher – mãe, esposa, professora. Os nomes das publicações apontam no sentido, da busca de uma identidade que se iniciou no século XIX, como espaço de uma imprensa feminina e que se intensificou no século XX. A primeira voltada para a valorização da mulher enquanto mãe, esposa e rainha do lar, e a segunda, focada na emancipação e na igualdade de direitos entre homens e mulheres. Sant’anna e Nardelli (2002) discutem aspectos desta problemática em termos da feminização da imprensa no seu livro organizado, *Mulher e imprensa na América Latina*. É uma questão de cunho tão brasileiro quanto internacional (PERROT, 1998; ROCHA, 2005) e no Piauí as mulheres também, não ficaram de fora.

Segundo Nascimento (2005), muitas mulheres no período foram responsáveis por substituir os maridos ausentes ou falecidos na administração da casa e dos pequenos negócios, na educação dos filhos; atuaram de forma significativa nas manifestações do primeiro de maio, nas organizações operárias e na imprensa. Segundo Rago (1997), nesse período um modelo normativo de mulher, que foi sendo elaborado desde meados do século XIX, pregava formas de comportamento e de etiquetas, inicialmente para as moças das famílias mais abastardas e depois para as mulheres das classes trabalhadoras, que exaltavam as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual.

Em um momento da crescente urbanização, do desenvolvimento das atividades industriais e comerciais, solicitava das mulheres sua participação no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés e no mundo do trabalho. Para as mulheres ricas, as exigências do bom casamento, preocupações domésticas e acompanhamento dos filhos a escola. Para as mulheres pobres, o trabalho de doméstica, operárias nas pequenas oficinas, costureiras, modistas, floristas, professoras primárias, eram alternativas necessárias (NASCIMENTO, 2005). No geral, jornais e revistas voltavam-se para fazer as mulheres deslocarem-se para a participação em um meio poderoso de convencimentos do período: a imprensa.

Nesse cenário, nasce o jornal **Borboleta** o mais importante impresso produzido no período e que tratava de temas voltados para as mulheres. Fundado em 1904 ficou em circulação até 1907. Possuía uma abordagem jornalística, tratando de assuntos específicos sobre a condição da mulher e assuntos gerais sobre educação, literatura, poesia, mocidade, colunas de assuntos variados. Além do editorial, tinha, também, coluna de artigos, sugestões, comentários dos (as) leitores(as), poesias, eventos, notícias de casamento, viagens, nascimento e morte. Na capa, a logo marca do jornal, o preço da assinatura e nome das redatoras; tudo em estilo xilogravura. Helena Bularmaqui, Alaide Burlamarqui e Maria Amelia Rubim, são as três mulheres responsáveis pela redação e editoração, que decidiam sobre o que, quando, como e porque publicar.

No número 14 do jornal **Borboleta**, as redatoras-editoras comemoravam o primeiro ano de existência do jornal. Para isso, relembavam as dificuldades de existência do impresso quando foi publicada a sua primeira edição, na época, segundo depoimento das redatoras, feita de forma manuscrita ficando limitada à leitura de “bons artigos que nelles sahiram, feitos por mãos femininas” (BORBOLETA, 1905, n. 14); nesta edição protestam por serem vistas como não habilitadas para “tão ardorosa e dificultosa tarefa”; esclarecem que as mulheres também se esforçam para a lida jornalística; reconhecem que o jornal vem correspondendo às expectativas do público. Nesta edição recebeu saudações de muitas mulheres que se identificaram como Dedida Rosa, Totonha Silva, Annicota Maroca, Cecylia Reis e de outras que assinaram com as iniciais de seus nomes. Nas páginas do mesmo jornal, poesia em homenagem às mulheres; telegrama de um leitor do Ceará que parabenizava pelo feito.

No jornal, circulavam ideias da marcha a favor da “amplificação feminil” (BORBOLETA, 1906) na instrução, na literatura, no trabalho fora do espaço doméstico, na igualdade de oportunidades e no cuidado com os filhos.

Nesse mesmo período, circulava o Jornal **Andorinha** do Club Literário 12 de Outubro, que reunia também amantes das letras

e da instrução, e que para isso, tomou a iniciativa de organizar uma publicação a partir de uma direção compartilhada entre homens e mulheres. O jornal dedicava artigos sobre a “Emancipação feminina”, “A Mulher”, e de forma especial, uma coluna de “Perfis femininos” em que se idealizava a mulher como “symbolo angelical da candidez” (ANDORINHA, 1904).

Outro impresso do período que se valeu desse cenário de participação foi a **Revista Alvorada**, de 1909, que tinha também, como colaboradora Maria Amélia Rubim, redatora do jornal **Borboleta**, ainda Alba Valdez e Antonieta Clotilde. Publicava artigos de “literatura, ciência, moda, política, economia, etc. e teria uma secção especial dedicada às senhoras” (ALVORADA, 1909). Essas publicações tiveram um ciclo de vida entre 1904 a 1909 que se desdobraram depois em outros jornais e revistas, conforme sugere os quadros sinópticos.

À primeira vista, as publicações serviam para apresentar o que Perrot (2005) afirmava, inicialmente sobre as mulheres, isoladas na escrita privada e familiar, depois autorizadas a executar uma forma específica de uma escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta) apropriaram-se progressivamente de todos os campos da comunicação – no caso o jornalismo e na literatura – poesia, romance; história, ciência e dificilmente filosofia.

Nessa trajetória, o período que se estende por toda década de 20 é de declínio na aliança política do café-com-leite; na ascensão da Semana de Arte Moderna; na contestação do tenentismo. No Piauí, manifestações populares pediam o fim da alta dos gêneros alimentícios e a formação de feiras livres. Em 1923, uma greve na estação elevatória de energia, deixou Teresina vinte e cinco dias sem luz. A Coluna Prestes, em 1925 causou pânico, quando alcançou os arredores de Teresina, criando medo e pavor que, poucas vezes, a população local teria sentido.

O acontecimento foi traduzido na imprensa como uma onda de pavor sobre uma revolução “que resultou dos perniciosos efeitos” (NASCIMENTO, 2005). A imprensa traduzia esse imaginário, valendo-se das ideias de devastação, mal-estar, desorganização

das famílias, dos lares, do trabalho, com a paralisação do comércio e roubalheira. Em Floriano, a coluna deixou um jornal, O **Libertador** redigido em número único por oficiais que registraram sua passagem pela cidade (SANTOS, 1996).

Um período de muita repressão que repercutiu na imprensa, com a publicação de artigos sobre a condição feminina, assinados pelas iniciais de nomes ou pseudônimos femininos. Um exemplo dessa condição é a edição de **O Jornal** (de assuntos melindrosos de 1922) que está recheado de artigos assinados por pseudônimos ou com iniciais de nomes de mulheres. No editorial de uma das publicações do período, a redatora Yolanda disserta de forma melancólica a opressão e o desejo de liberdade no “Canto do Yrapuru” (O JORNAL, 1922).

No final desta década, a revista **Cidade Verde** de 1929 fez um apelo à classe feminina: “que lhe merece a mais alta consideração para que seja um dos sustentáculos, e promete velar pela pureza do lar, reconhecendo os sagrados direitos da mulher na sociedade” (CIDADE VERDE, 1929). Na capa, o desenho de uma cidade moderna, com seus prédios, casas, e ruas. A mulher seguiria essa matriz ideal, cristalizando nas páginas dos periódicos, imagens de uma década que se iniciava.

O evento de 30 instalou-se, no Piauí, com diversas iniciativas que se integravam ao imaginário do Estado Getulista de forma a fazer da capital do Estado um centro modernizador. Leônidas Melo foi a encarnação desse ideário. Interventor e governador, dirigiu o Estado de 1935 a 1945, período em que promoveu verdadeira caça aos comunistas. Teresina possuía então 63.684 habitantes e despontava como núcleo urbano de alcance econômico.

Foi nesse cenário que aumentou consideravelmente a participação das mulheres nas comemorações do período na publicação de jornais e revistas, a maioria, alunas das escolas. A inspiração vem do ideário educacional da época. Era o movimento intelectual que debatia e propunha novas ideias pedagógicas em oposição à escola tradicional. Na época, um conjunto de reformas educacionais no Brasil e no Piauí visava fortalecer este ideário

(NASCIMENTO, 2009).

Nas imagens¹² publicadas nos jornais da época, capturou-se um modelo ideal de mulher calcada na preocupação em se adequar a este cenário; as novas imagens podem ser traduzidas em essencialmente normativas, definindo o papel social e determinando os padrões de comportamento desejáveis para a mulher da época.

Muitos jornais e revistas desse período possuíam título sugestivo da figura feminina¹³. Outros divulgavam artigos e manchetes sobre a mulher: “A mulher e o século”; “A mulher e sua evolução”; “O valor da mulher”; e em anúncios que elaboravam um modelo de mulher ideal: inteligente, esforçada, boa, educada, elegante e bela.

As revistas **Garota e Gleba** de 1933 apostaram nas chamadas com ilustração em xilogravuras coloridas para conformar a mulher ao mercado do impresso, não apenas como leitora, mas como produtora de textos e periódicos; e também, como consumidora de produtos anunciados pela imprensa.

Foi então que o mundo do consumo alargou-se definitivamente no universo feminino, os jornais recheados de propagandas de remédios, limpeza, fogão e moda, de modo mais abrangente. Tudo como sugestão de modernidade e do progresso de uma mulher que fumava, trabalhava, estudava e dirigia automóvel. Foi esse perfil que mobilizou o mercado às voltas com produtos do lar, saúde, e beleza. Poesia e prosa enriquecida com desenhos e fotos, agora estampadas com frequência nas capas e páginas atrativas de cores, que as tornavam revistas de cultura e

12 Encontramos muitas imagens sobre as mulheres do período. Caberia depois um estudo iconográfico, ou seja, estudo do registro, representação da imagem, técnicas utilizada para produzi-la, relação com o contexto da época. Para os historiadores, as imagens podem funcionar como recurso da memória e integram a base de sustentação do imaginário social.

13 São alguns desses impressos: A Dália (1860); A Rosa (1875); Jornal das Moças (1882); A Flor (1883); A Borboleta (1888); A Primavera (1891); Ziguezague (1891); A Garça (1893); A Chysalida (1894/95); A Rosa (1900); O Lirio (1909); Agulhas (1914); Lavandeira (1930); A Garota (1933).

variedades. Impresses pioneiros de uma segmentação voltada para um público tradicionalmente desconsiderado.

Assim, por mais de 50 anos, um grupo de mulheres do Piauí empenhou-se em organizar, formular, debater, divulgar questões sobre quem eram, o que se dizia sobre elas, mas também o que elas pensavam e o que elas diziam delas próprias. Colocaram-se em cena, em um período carregado de mudanças políticas e culturais. A verdade é que as mulheres participaram ativamente na imprensa, conquistando assim o reconhecimento como um sujeito que faz história. Pelo levantamento realizado, o universo feminino na imprensa, esteve na sua maioria representado pela moda, pela literatura, pela beleza e por um tipo de informação voltado para o entretenimento e para a centralidade do papel da mulher enquanto esposa, mãe, professora e trabalhadora. De modo silencioso, as mulheres foram conquistando um espaço eminentemente masculino, informando sua participação ativa como formadoras de opinião, intelectuais potencializadas pela imprensa local.

Considerações Finais

Como no Brasil, o Estado do Piauí passava por mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais especialmente nas cidades de Teresina, Parnaíba e Floriano. Nesse período, as mulheres do Piauí saíram dos seus lugares de tradição, o lar, o salão de festa, a casa da família, sala de aula e “espaços outros de serviços socialmente invisíveis”, para se tornarem não somente figuras de capa e sujeitos dos conteúdos de publicações, mas também, constituíram-se em produtoras e colaboradoras de material informativo, capazes de influenciar e orientar toda a sociedade.

No período em discussão, a imprensa funcionou como sustentáculo de mudanças e conservação, pois, debatia, divulgava, narrava e registrava os acontecimentos. Redatores, literatos, intelectuais, homens e mulheres utilizaram a imprensa, como instrumento de disseminação de ideias, pois agiam como os sujeitos/profissionais que buscavam nela uma forma de se “formar”

e informar outros, sobre o que ocorria no Piauí, Brasil e no mundo.

Neste cenário de uma imprensa em desenvolvimento, redatoras, editoras, colaboradoras, escritoras anônimas, mulheres comuns participavam em jornais, revistas e periódicos da época, deixaram suas marcas em meio a uma maioria de mulheres que continuava sendo educada para serem professoras cuidadosas, mães bondosas e esposas carinhosas.

Esta nova temática histórica, mulher e imprensa, permitiu a realização de um mergulho no passado, pois, contribuiu para o melhor entendimento de como se pode apropriar da memória cultivada coletivamente. Nas páginas impressas, escreveram, divulgaram produtos, debateram problemas, ditaram normas, definiram costumes e valores, dando vida ao social e educacional. Por outro lado, as mulheres também se colocaram para além dos limites do lar, ingressando no mercado de trabalho; na escola e na imprensa, se engajaram de tal forma que também inauguraram jornais, revistas e periódicos que eram dirigidos e produzidos por mulheres com assuntos de interesse feminino; dirigidos por mulheres e dedicados aos assuntos gerais; dirigidos por homens com a participação de mulheres.

Esse esforço de coletar informações até então dispersas, levou-se a contrapor documentos; selecionar e relacionar o material impresso com o contexto histórico; identificar mudanças e permanências; (re) constitui uma tentativa de construir um diálogo historicamente tecido, sem perder de vista a sua articulação com a sociedade, a política, a educação e a cultura em geral.

Entretanto, pesquisas na área encontram dificuldades de realização. Primeiro, as informações sobre as mulheres continuam sendo de difícil acesso. Quando existe alguma fonte documental, na maioria dos casos, encontra-se em condições precárias de estudo por falta de preservação. As que estão preservadas foram na sua maioria produzidas pelos grupos dominantes que se exprimiam através de cartas, diários, artigos na imprensa e livros.

Segundo, os arquivos públicos foram originalmente organizados para atenderem atos do Poder Executivo e Legislativo.

Mas, o papel da pesquisa no tocante a estas questões ou a outras, pode no conjunto, potencializar muitas outras investigações, cada vez mais amplas e variadas. Estudar o tema significa desvendar as zonas mudas, os silêncios ligados historicamente em uma partilha desigual, dos traços que compõe a memória entre mulheres e homens. Para isso, a imprensa teve um papel determinante na sociedade da época.

A historiografia cumpre o necessário desvelamento arqueológico do passado, de questionar o esquecimento, retirar do silêncio para provocar a memória. Como lembra Perrot (2005), o silêncio é um mandamento. Evidentemente, as mulheres não respeitaram essa condição. Daí os impressos serem testemunho histórico; “o escrito” que avança explicações sobre o passado. Como toda tentativa de estudo tem suas lacunas, espera-se que essas sejam apenas um incentivo para outras investigações não somente desse tema, mas de outros ligados a ele, que possam nos ajudar a compreender o papel da mulher e de outros sujeitos que foram silenciados na construção, no desenvolvimento e na razão de ser do Piauí.

Referências

ARAUJO, Francisco Cesar de. Valor de Mulher. **A Voz do Estudante**, Teresina, Piauí: Gráfica Esperança, ano 2, n. 4, 1941

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário histórico-geográfico do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

BATISTA, Jonathas. **Alvorada Revista de Letras**, Theresyna, Piauhy, ano I, n. 01, 1909. Edição 15 de novembro.

BUCO, Sergio Roberto de Souza. **Personagens silenciadas**: as mulheres nos conteúdos de História da Educação Básica no Estado do Paraná. (s.d.). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em: 27 de julho de 2008.

BURLAMARQUI, Alaide. M. (Org). **Borboleta**, Theresina, Piauhy:

Imprensa Oficial, ano I, n. 14. Edição de 29 de Outubro de 1905.

BUITONI, Dulcília. **A imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.
HIDD, Elias. Sessão Feminina. Camundongo Magazine. Piauí: Teresina, ano I, n. I. 1939

COSTA, Emílio (Org). Editorial. Cidade Verde, Teresina, Piauí, ano I, n. I, 1929. Imprensa Oficial. Revista semanal, humorista, literária, científica e noticiosa

COUTO, Luis C. Branco. A mulher e sua evolução. **Revista Comemorativa ao Aniversário do Liceu Piauiense**, Teresina, Piauí, ano III, n. 11, 1936. Edição de 4 de outubro de 1936.

EDUCAÇÃO. Órgão de propaganda educativa. Direção dos professorandos de 1936. Teresina, Piauí. 26 de dezembro de 1936.

FERREIRA, Julia Gomes. **A Revista**, Therezina, Piauí: Typographia Popula, v. I, n. 2, 1929. Orgam do Cenáculo Piauiense de Letras.

FORECHI, Marcilene. Contribuições para uma pensada coletiva. **Observatório da Imprensa**. ano 14, n. 431, 2007. Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br/Acesso em: 30/03/10.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do Jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1979.

HOBSBAWM, Eric. **Pessoas extraordinárias**: resistência, rebelião e jazz. S. Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 143-167.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 5. ed. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Média e Jornalismo, v.1, n. 1, out. 2002. Disponível em: www.revcom.portcom.intercom.org.br/scielo. Acesso em: 01 de abril de 2010.

MELO, José Marques de. **Sala de Imprensa**. Ano III, volume 2, novembro de 2001. Disponível em: www.saladeprensa.org. Acesso

em: 30 de março de 2010.

NASCIMENTO, Ana Maria Bezerra do. **Trabalhadores e trabalhadores no fio da história das práticas e projetos educativos no Piauí (1856 – 1937)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

NASCIMENTO, Ana Maria Bezerra do. Educação na Imprensa. O jornal como fonte de pesquisa para a história da educação operária no Piauí. **Anais** (3, 2004, Curitiba), PUC, 2004. 1 CD-ROM.

NASCIMENTO, Ana Maria Bezerra do. Educação, Ensino e reformas educacionais no Piauí (1910-1933). **Anais** (3, 2009, Rio de Janeiro), UERJ/SBHE, 2009. 1 CD ROM.

NASCIMENTO ARAÚJO. A Gleba. **Revista Literária Ilustrada**. Piauí: Parnaíba, 1933.

NEVES, Abdias. Contribuições para a História do Piauí. A imprensa no Piauí. **Litericultura**, Therezina: Piauhy, Typographia Paz, anno I, junho, n. 06, 1912.

MARTINS, Ana Luiza; De LUCA, Tânia Regina (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA REGO, Raimundo de. **A Garota**. Teresina, 1933. Revista Literária e Social.

PESTANA, Pestana (Org). Perfis Femininos. **Andorinha**. Orgam do Club Literario 12 de Outubro. Therezina: Piauhy: Imprensa Oficial, 1904.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. 2. ed., tradução de D. Bottmaner. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EdEDUSC, 2005.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí**. Teresina: Zodíaco, 1997.

POLLACK, Michael. **“Memória e identidade social”**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Cpdoc/FGV

POLLACK, Michael. **“Memória, Esquecimento, Silêncio”**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. Cpdoc/FGV.

PEREIRA, Alaíde da Costa. **A Flâmula**. Órgão do Grêmio Literário N.S. das Graças. Ano I, Parnaíba, PI, n. 2, 7.Jul.1936.

PRIMICIAS LITERÁRIAS. Órgão das alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, Teresina: Piauí: Gráfica Excelsior, ano II, n. 6, 1938.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freire, Higino Cunha e as Tirantias do tempo. Teresina: FCMC, 1994.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar (1890 – 1930). 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RAPOSO, Florice Torres. **Raios de Luz**. Órgão do Colégio de Nossa Senhora das Graças. Piauí: Parnaíba, 1940

RÊGO, Ana Regina. **Imprensa Piauiense**: atuação política no século XIX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves – FCMC, 2001. (Prêmio Cidade de Teresina).

RIBEIRO, J.H. **Jornalistas**: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, Paula Melani. A profissionalização no jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no Estado do São Paulo. **Revista Jurídica Eletrônica**, v. 2, n. 2, p.1-15, 2005.

SANTOS, José Bruno dos. **Transpondo Barreiras**. Teresina: COMEPI, 1996.

SANTÁNNA, F.; NARDELLI, E. **Mulher e imprensa na América Latina**. Brasília; UNESCO, 2002. Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação brasileira. In: LOMBARDI, José Claudinei (Org). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

SILVA, Andréa Cristina; RIBEIRO, Leila Beatriz. Imagens do silêncio, imagens silenciadas – Marcel Gautherot e a construção de Brasília. In: XIII Encontro de História, ANPUH, Rio de Janeiro, 2008. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://encontro2008.rj.anpuh.org>. Acesso em: 30 de março de 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. [As edições Graal, Rio, 1977 e da Martins Fontes, Rio, 1983, apresentam o mesmo texto de 1966].

VILARINHO, Marco. **Uma revolução cultural** - Uma revolução no conhecimento. O Dia, Teresina, 11 Abril 2010. Metrópole, p. 1, 4-5.

WESER, Felismino Freitas. **A Mulher e o século**. A Voz do Estudante. Orgão do Grêmio Literário da Costa e Silva. Teresina: Piauí, ano I, n. I. Gráfica Esperança. 1940.

YOLANDA. O canto do yrapuru (ao Amazonas). **O Jornal**. Teresina: Piauí, 7.maio.1922.